

O Grupo Savuru em Rede: A Cartografia Social como instrumento de (re)velação de Territórios.

Luís Henrique de Castro dos Santos
PUC-Campinas
c.luis.hs@gmail.com

Vera Lúcia dos Santos Plácido
PUC-Campinas
verasplacido@gmail.com

Introdução

A cultura afrodescendente, rica em sua capacidade de se manifestar em diferentes territórios se faz presente nas práticas existentes do nosso território, desde em manifestações religiosas, artísticas e até linguísticas. Mesmo a contramão, muitas vezes da cultura de massa, há nas periferias dos centros urbanos brasileiros, práticas culturais que são invisíveis aos olhos da maioria, que resguarda a memória e elementos da cultura *Afro* em conjunto com outros pilares da cultura de nosso país. O Grupo Savuru, presente na região do DIC I no município de Campinas no Estado de São Paulo, não é diferente em certos aspectos. Um grupo de artistas que lutam pela visibilidade, pelo seu território de origem, pela cultura e suas práticas que tentam impedir seu esquecimento através de manifestações em diferentes pontos da cidade. Assim, se fez os seus quarenta e quatro anos de existência, resgatando elementos importantes da cultura afrodescendente, mas, ao mesmo tempo, trazendo seu território como característica própria tendo a Arte como condição e condicionante na dinâmica territorial da periferia urbana. O presente estudo é fruto do Projeto de Extensão intitulado “Cartografias Sociais das Comunidades Afrodescendentes em Campinas-SP”, desenvolvida pela Faculdade de Geografia com apoio da PROEXT- Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da PUC-Campinas.

Vale ressaltar, que nas cidades que vivemos todos os dias, através de nossos afazeres, trabalhos diversos e rotina, poucas vezes paramos para interpretar de forma crítica sua conjuntura e seus processos. Perceber as sutis mudanças no espaço a nossa volta é ir além de observar o prédio construído nas proximidades do bairro, o novo asfalto da avenida, a nova conveniência, loja e até mesmo o *fastfood* nas proximidades. Entender o espaço urbano é uma tarefa que requer considerar diferentes elementos do espaço, que segundo Santos (1985), há múltiplas intencionalidades, que nos força reconhecer suas funções, interações e as disputas locais. Se, por um lado, há elementos que se sobrepõe no espaço, caracterizado como verticalidades, ligados ao capital global e que agem em nome do avanço, da tecnologia ou até mesmo da cultura de massa, por outro lado, há um ritmo lento, próprio dos lugares e suas especificidades. É função das ciências sociais, nos quais incluí a Geografia, discutir as intencionalidades e disputas destes elementos espacialmente, e colocar alguns questionamentos: como as tradições e costumes locais podem resistir sem que sejam esquecidas ou varridas do espaço local por agentes hegemônicos? Aliás, elas querem resistir? Como podemos entender a resistência?

De acordo com Vaz e Seldin (2008, p.2), estes grupos estão acostumados com a indiferença e com a carência de espaços para a realização de suas atividades, portanto, os mesmos, têm forças para sair do seu estado de invisibilidade e afirmar seu lugar e seus direitos na cidade (VAZ; SELDIN, 2008, p.2). Além do embate quanto à invisibilidade e as verticalidades do mundo global, há de se enfrentar a cultura de massa, nos quais, vem em paralelo com a globalização, desde a ascensão do capitalismo, trazendo concepções dos avanços técnicos e resultam em uma exteriorização de bens de valores materiais,

sobrepondo as diferentes culturas do território e do próprio lugar (COELHO, 1980, p.6). É nesse contexto que foi desenvolvida esta pesquisa: compreender os embates no território, em especial o município de Campinas no Estado de São Paulo, onde há presente uma produção do espaço cultural em rede, evidenciado pela Cartografia Social do Grupo Savuru.

Portanto, releva-se aqui o território enquanto categoria, e os conflitos dos interesses e de poderes sobre sua conjuntura e aos mais vulneráveis, dentro de uma ótica que há uma sociedade consumista e unidimensional, como aponta Marcuse (1982, p.18), uma sociedade caracterizada essencialmente pelo controle de todas as dimensões da existência privada e pública, que assimila forças e interesses antes opostos e administra metodicamente os instintos humanos; uma sociedade na qual toda força de negação está reprimida.

Desta forma, objetiva-se compreender como se (re)produz o espaço cultural das manifestações artísticas de cunho popular afrodescendente, como o Grupo Savuru, no município de Campinas, no Estado de São Paulo; seu comportamento diante das verticalidades impostas pelas regências da Globalização; a fim de descobrir se há um meio de cooperação e produção entre diversos agentes culturais no território.

Objetivos

Considerando a Cartografia como área do conhecimento da própria linguagem geográfica, se entende o valor da representação e da materialização das dúvidas que cernem a palavra “onde”. Este “onde”, foi capaz de materializar o mapeamento da costa continental da América enquanto os Europeus tentavam encontrar as saídas mais rápidas e eficazes para o encontro dos portos asiáticos e realizar e seu comércio; o mesmo mapeamento, muito mais rebuscado e com maior teor tecnológico, através de softwares e satélites na atmosfera realizam incansavelmente a tarefa de monitoramento das atividades humanas sobre o espaço geográfico.

A Cartografia Social não é diferente, ela ainda deseja entender o espaço, entretanto extrapolou os muros dos centros de pesquisa e de mapeamento e alcançou o dia-a-dia das pessoas. Este se (re)velar no mapa nasce em um momento histórico único: pessoas nos mais diferentes cantos do planeta estão se conscientizando que são sujeitos territoriais e lutam por seus direitos nos territórios em que estão. A migração, também tão presente na natureza humana, ainda é significativa, mas, ocorre concomitante a clara concepção de que não é mais preciso sair dos lugares; é possível alcançar a melhoria do próprio lugar a partir da colaboração de grupos de pessoas que formam um coletivo em rede. Esta é a forma criativa que, grande parte das periferias urbanas mundo afora, tem encontrado para se revelar na sua identidade, ao mesmo tempo, resistindo as mudanças globais que chegam sem pedir licença. Aqui está um novo e importante papel da Cartografia: permitir que as pessoas se vejam nos mapas. Não mapas oficiais, institucionalizados por outros desejos, mas aqueles elaborados por elas, a partir de experiências e percepções próprias. Portanto, os objetivos gerais deste trabalho, relacionado com a produção do espaço cultural campineiro vinculado às manifestações de caráter popular afrodescendente são os seguintes:

- Compreender como se dá a produção do espaço cultural campineiro em relação às manifestações culturais populares, em especial do Grupo Savuru;

- Entender a conjuntura do território cultural campineiro atualmente;
- Investigar como se dá a resistência cultural em Campinas-SP;
- Mapear os movimentos sociais e artísticos vinculados à cultura em Campinas, SP;

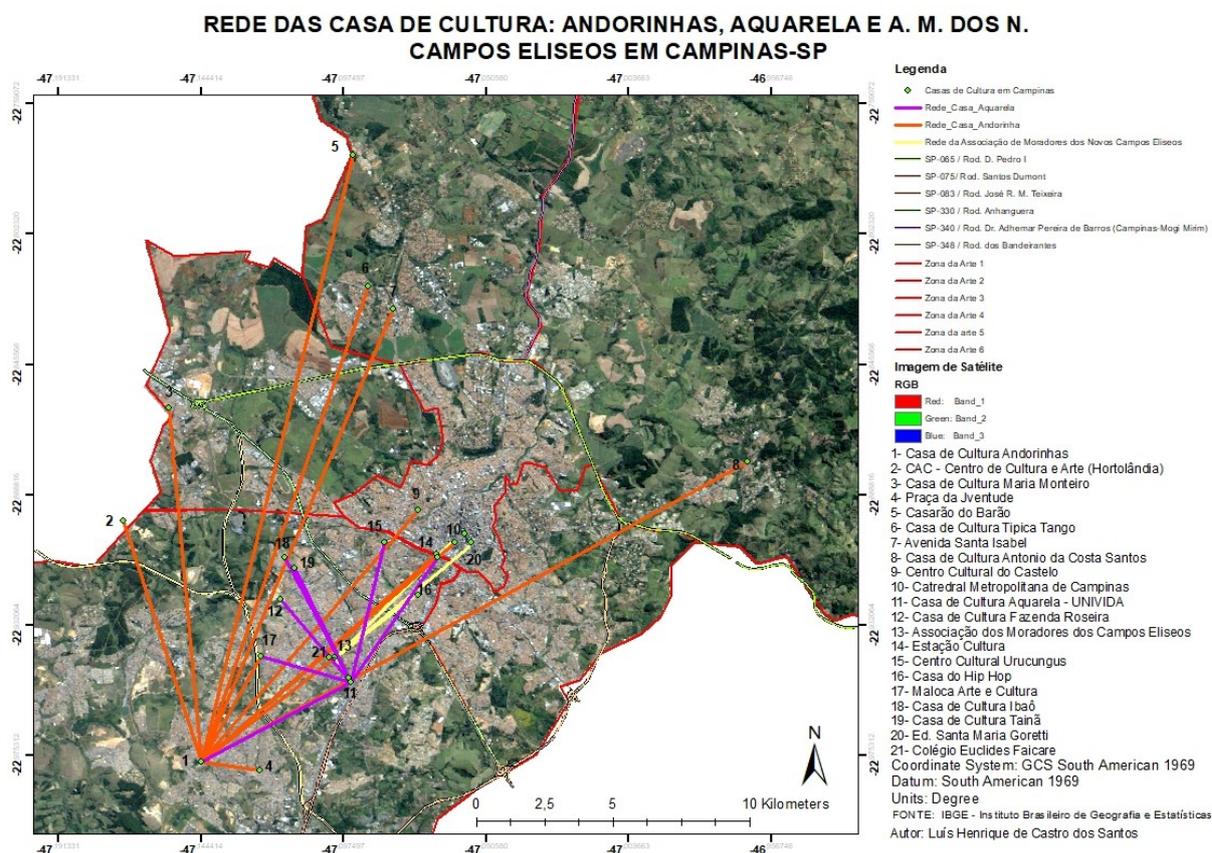
Metodologias

É objetivo primeiro do Projeto de Extensão elaborar a cartografia social de diferentes comunidades afrodescendentes em Campinas por entender que os mapas institucionais, inclusive os que fomentam políticas públicas voltadas a questão afrodescendente, não simbolizam, de fato, a riqueza cultural deste povo. Conquanto, neste estudo em específico se buscou a premissa fundamental de que os grupos precisam (re)velar seus territórios. Desta maneira, todo o trabalho se sustenta na metodologia participativa. São as rodas de conversas que motivam a produção cartográfica e esta produção é validada pelo grupo. Desta maneira, ao longo do ano de 2018 foram realizados vários encontros com o grupo. Em cada encontro, uma conversa versando sobre um tema: o que é Savuru? Onde está? o que faz? Quais os parceiros?

As rodas de conversas são gravadas, descritas e recortadas para compor os fascículos produzidos e os mapas são produzidos a partir das palavras chaves coletadas durante as rodas de conversas. Até esse momento, o grupo não produziu os mapas diretamente, mas, nesta segunda etapa do projeto os mapas serão gerados a partir da percepção dos integrantes, uma vez que o foco era a gestão e autonomia do grupo na rede geográfica em que estão inseridos.

Desta forma, a pesquisa quanto à produção do espaço cultural campineiro e as manifestações artísticas populares, exige uma metodologia de pesquisa analítica, qualitativa no que tange aos seus instrumentos de medida e crítica com embasamento teórico, e de campo. Assim busca-se proceder da seguinte forma: Análise das manifestações artísticas provindo de mapeamento das manifestações, uma vez que, os resultados evidentes nos mapas podem esclarecer o comportamento espacial dos grupos e manifestações artísticas; método adotado é de análise crítica, destinado a analisar sistematicamente a constituição do território (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 20), paralelo aos pressupostos do método do materialismo histórico. Portanto, ocorrerá à busca sistemática da compreensão dos objetivos espaciais e as materialidades comportando-se ao longo do tempo/espaço, através de mapeamento e na busca de referências científicas, políticas e literárias; pesquisa de campo tem o seu poder de mesclar a pesquisa, com a percepção do pesquisador e a extensão da produção científica. Ressalta-se que ocorrerá o mesmo processo, objetivando buscar novas características das manifestações artísticas em tempo real, e descobrir quais são embates e problemáticas que envolvem o território e suas ações.

Resultados



Logo desde os primeiros encontros, através das percepções e palavras-chaves dos artistas, o mapeamento de suas casas de cultura conjunto à rede que os ligavam com outras casas de cultura que não necessariamente, apenas de pilar africano, revela que há um território em comunicação, presente na periferia do centro-sul de Campinas.

Este mapeamento foi através dos artistas e do seu reconhecimento e coube naquele momento, desenvolver para melhor compreensão, “zonas da arte”, abordando através de zonas com características próprias, para a arte e sua materialização no município. Três casas de cultura se evidenciam fortemente no município, desta forma, estas reuniões couberam de trazer um novo desafio: Compreender o território da arte de Campinas, tanto de pilar afrodescendente quanto de outros, para se resguardarem e resistir aos embates e se fazer mais presente aos olhos do poder público.

Este movimento claro no território é a principal característica do grupo que não se restringe a uma localização geográfica. O movimento se dá, então, em duas medidas: enquanto dialético na (re)invenção de sua história e, ao mesmo tempo, é territorial, uma vez que as ações do grupo estão diluídas em diferentes frentes culturais, em diferentes lugares.

Mas, pensar que o movimento dialético *per si* é o suficiente para resistir em um território cada vez mais competitivo, talvez não seja uma boa acepção. Não é raro nos dias atuais vemos grupos artísticos populares desaparecem mediante novos nomes e ritmos apresentados pela mídia de massa que, rapidamente, são incorporados no dia-a-dia de milhares de pessoas. Isso nos faz acreditar que o território deve ser entendido com maior

profundidade, pois é nele que toda e qualquer relação social acontece. É no enlace território e cultura que encontraremos possibilidades de respostas para resistir e se fazer presente nos lugares que são, cada vez mais mundializados.

Os territórios são compostos por diversas redes, materiais e imateriais, redes que ao mesmo unem e fragmenta territórios, que definem em maior ou menor grau a forma como diferentes grupos sociais serão vistos, percebidos e compreendidos na causa de sua existência. Desta maneira, o território da arte não é resultado, em suma, da capacidade do Grupo Savuru se movimentar abrangendo diferentes áreas. Ele é, acima de tudo, a própria rede de atuação do Grupo e esta, por sua vez, se dá pelas diferentes ações que o grupo organiza e desenvolve e, mais, pelos parceiros que se solidariza, e se faz presente resistindo espaço urbano campineiro.

Referências bibliográficas

CARLOS, A. F. A. Espaço Urbano e Movimentos Sociais. Rio Claro. UNESP-Boletim de Geografia Teórica. Vol. 2, nº 43-44. 1992.

CATAIA, M. A. Território Político: Fundamento e Fundação do Estado. Campinas. IG/UNICAMP, 2011.

COELHO, T. O que é Indústria Cultural? São Paulo. Editora Brasiliense, 1980.

GALEFFI, D. A arte como território de resistência: uma perspectiva polilógica. Iberoamérica Social: revista-red estúdios sociales VIII, pg. 22-25. 2017

GOTTMANN, J. The Evolution of the Concept of Territory. Social Science Information, v. 14, n. 3, ago.1975, p. 29-47.

ORTIZ, R. A escola de Frankfurt e a questão da Cultura. Revista Sociologia em Rede. Goiânia. Vol. 6. Nº 6. Pg 203-242. 2016.

ORTIZ, R. Mundialização e Cultura. São Paulo. Editora Brasiliense, 2007.

PEIXOTO, L.A.S. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. Juiz de Fora. UFJF-Universidade Federal de Juiz de Fora. V.11. n,1. p. 156-180. 2011.

RIBEIRO, W.C. Diversidade Territorial e produção do Espaço. Rio Claro. UNESP-Boletim de Geografia Teórica. Vol. 22. Nº 43-44. 1992.

RUBIM, L. *Et al.* Organização e Produção da Cultura. Salvador. EDUFBA, 2005.

SANTOS, M. *Et al.* Cadernos IPPUR: Ano XIII. Nº2 Rio de Janeiro. IPPUR/UFRJ, 1999.

SANTOS, M. *Et al.* O papel ativo da geografia: um manifesto. Florianópolis. Departamento de Geografia/USP, 2000.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro. Editora Record, 2000.

SANTOS, M; SILVEIRA, M, L. O Brasil: Território e Sociedade no Início do século XXI. 19º ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2001.

VAZ, L.F; SELDIN, C. Resistências e experiências culturais.

ARANTES, A.A. O patrimônio cultural e seus usos: A dimensão urbana. Revista *Habitus*. Goiânia, v.4, n.1, p. 425-435, jan./jun. 2006.

CASTELLS, M. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 1 – O poder da identidade. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: A era da informação. Vol. 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

MARCUSE, H. A ideologia da Sociedade Industrial: O homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

MARCUSE, H. Contra-revolução e revolta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vols. I e II, 1997.

MARX, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política. São Paulo: Editora Nova Cultural, vols I e II, 1996.

PEDROSO, F. O centro da cidade de Campinas-SP: Usos e Transformações. Tese (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.